

**RELATÓRIO DA ATIVIDADE 1.3, DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DOS
ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS –APL's DO AÇAÍ E ANDIROBA NO
MARAJÓ.**

**Oficina de elaboração de estratégia de promoção da Cadeia de
Valor do Açaí Marajoara.**

Manoel Potiguar
Carlos Augusto Ramos

**Belém - PA
Maio de 2013**

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	9
1.1.	Contexto socioeconômico do açaí na região.....	10
2.	ABORDAGEM METODOLÓGICA	14
3.	DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES	18
3.1.	Apresentação	18
3.2.	Diagnóstico	19
3.2.1.	Definição das Etapas da Cadeia de Valor do Açaí.....	19
3.2.2.	Definição dos Atores da Cadeia de Valor do Açaí.....	22
3.2.3.	Refinamento do Mapa da Cadeia de Valor do açaí Marajoara.....	30
3.3.	Planejamento Estratégico.....	34
3.3.1.	Gargalos e Oportunidades	34
3.3.2.	Visão de Futuro do APL do açaí.	35
3.4.	Governança.....	40
3.4.1.	Formação do Núcleo Gestor do APL do açaí marajoara	40
3.4.2.	Definição dos responsáveis pelo Plano de Ação do APL do açaí	42
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
4.1.	Relação dos participantes da Oficina.....	48
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisadora Regina Oliveira acompanhando o comércio de açaí em Curralinho.....	12
Figura 2 - Valores da produção do Marajó em açaí no ano de 2008. Fonte: IDESP.	13
Figura 3 - Subgrupo 1 do APL açaí para identificação das etapas da cadeias de valor.	20
Figura 4 - Subgrupo 2 do APL açaí para identificação das etapas da cadeias de valor.	20
Figura 5 - Descrição das etapas da cadeia.....	21
Figura 6 - Diagrama de Venn: entidades que atuam na cadeia de valor do açaí no Marajó	22
Figura 7 - Identificação dos atores, por etapa, da cadeia de valor do açaí no Marajó	23
Figura 8 - Descrição/identificação dos atores	24
Figura 9 - Prestadores de serviço	26
Figura 10 - Representação da descrição dos serviços de apoio ao trabalho com o açaí	27
Figura 11 - Mapeamento dos organismos reguladores	29
Figura 12 - Apresentação das análises do Subgrupo 1 do grupo APL açaí	31
Figura 13 - Apresentação das análises do Subgrupo 2 do grupo APL açaí	31
Figura 14 - Imagem do mapeamento participativo da cadeia de valor do açaí no Marajó	32
Figura 15 - Mapa geral da cadeia de valor do açaí no Marajó	33
Figura 16 - Identificação dos gargalos e oportunidades	34
Figura 17 - Pontos levantados dos subgrupos do APL açaí para elaboração da visão de futuro	35
Figura 18 - Elaboração da visão de futuro do APL do açaí marajoara.....	36
Figura 19 - Visão de futuro do APL do açaí marajoara	36
Figura 20 - Objetivos dos subgrupos do APL açaí para o planejamento estratégico	38
Figura 21 - Elaboração do quadro de planejamento estratégico do APL do açaí marajoara.....	39
Figura 22 - Lista do núcleo gestor APL do açaí marajoara.....	41



Figura 23 - etapas do tratamento do açaí segundo profissionais da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belém para combater o contágio do Mal de Chagas no consumo de vinho do açaí 48



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção florestal de açaí segundo o IBGE (2009).....	11
Tabela 2 - Descrição das etapas da cadeia de valor do açaí no Marajó	21
Tabela 3 - Descrição da atuação dos operadores.....	24
Tabela 4 - Descrição da atuação do Prestador de Serviço	26
Tabela 5 - Descrição da atuação do Serviço de Apoio.....	28
Tabela 6 - Descrição da atuação na regulamentação.....	29
Tabela 7 - Quadro de plano de ação do APL do açaí no Marajó	42



LISTA DE SIGLAS

ADEPARÁ	Agência de Defesa Agropecuária do Pará
AMOREMA	Associação dos Moradores da RESEX Mapuá
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APL	Arranjo Produtivo Local
ATAA	Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Rio Acutipereira - Portel
ATER	Assistência Técnica de Extensão Rural
BANPARÁ	Banco do Estado do Pará
BASA	Banco da Amazônia SA
CNS	Conselho Nacional das Populações Extrativistas
CODETEM	Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó
COEMA	Conselho Estadual de Meio Ambiente do Pará
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COPMAR	Cooperativa Agroextrativista de Muaná/Marajó
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
GIZ	Cooperação Alemã
GTA	Grupo de Trabalho Amazônia
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de conservação da Biodiversidade
IDEFLOR	Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará
IDESP	Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LACEN	Laboratório Central do Estado do Pará
LANAGRO	Laboratório Nacional Agropecuário
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA	Ministério do Meio Ambiente
ONG	Organização Não Governamental
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PCTAFS	Populações e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar
RESEX	Reserva Extrativista
RESEX TGP	Reserva Extrativista Terra Grande Pracuúba
SAGRI	Secretaria de Estado de Agricultura do Pará
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECOM	Secretaria de Estado de Comunicação do Pará
SEMA	Secretaria de Estado de Meio Ambiente
SEMMA	Secretaria Municipal de Meio Ambiente



SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESMA	Secretaria Municipal de Saúde de Belém
SESPA	Secretaria de Estado de Saúde do Pará
STTR	Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural do Pará



Manoel Potiguar¹
Carlos Augusto Ramos²

Resumo

Este relatório resume as discussões da Oficina de Planejamento estratégico e mapeamento da cadeia de valor do açaí no Marajó, produto da sociobiodiversidade, como atividade prevista do *Projeto de Fortalecimento dos Arranjos Produtivos Locais – APL'S do Açaí e Andiroba no Marajó*, executado pelo Instituto Peabiru, com apoio do PNUD e MMA. A Oficina foi realizada entre os dias 20 a 24 de maio de 2013. Esta oficina teve como principal resultado o retrato geral das relações formais e informais do mercado do açaí, assim como aponta os gargalos e limitações desta cadeia, revelando o quão incipientes ainda são esses arranjos produtivos. Embora este produto já alcance mercado nacional e internacional, percebe-se que o extrativista compõe o elo mais frágil dentro da cadeia de valor por estar, em sua grande maioria, sob o poder de atravessadores, intermediários, ator este que surge em diversos elos da cadeia. Como parte do planejamento elaborado foi formado ainda o Núcleo Gestor do APL açaí, bem como um Plano de Ações para o aprimoramento da cadeia, este que será executado pelo próprio núcleo.

¹ É mobilizador e facilitador da metodologia *Value Links* do projeto. Moderou o grupo a partir do terceiro dia de atividades, 22, e contribuiu com informações e metodologia deste trabalho. É Assistente de Projeto do Instituto Peabiru onde atua no Programa Viva Marajó. Sociólogo, tem experiência em trabalhos com gestão de Unidades de Conservação, com populações tradicionais (indígenas, quilombolas e comunidades agroextrativistas) com ênfase em formas organizativas e resoluções de conflitos. Com populações indígenas, participou das discussões metodológicas e ações no desenvolvimento do etnomapeamento e etnozoonemaneto de terras indígenas no Pará, pela SEMA; além de professor de educação escolar indígena da SEDUC.

² Consultor contratado para a facilitação do mapeamento da cadeia de valor do açaí. É profissional socioambiental, formado em Engenharia Florestal pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, com 15 anos de experiência em Manejo Florestal Sustentável. Atua principalmente em: Regularização fundiária para as comunidades rurais na Amazônia; Elaboração e execução de projetos de desenvolvimento local nos municípios da Amazônia, principalmente na mesorregião do Marajó; Concessões florestais estaduais; Manejo Florestal Sustentável em áreas de terra-firme e várzea para beneficiar os trabalhadores rurais, com abordagem de produtos madeireiros e não madeireiros.



1. APRESENTAÇÃO

“Na dimensão social e cultural constata-se que na Amazônia existe uma grande riqueza e potencialidades de técnicas e tecnologias tradicionais de uso sustentável dos recursos associado à biodiversidade. Por outro lado, esse grande potencial de biodiversidade pode criar as condições para gerar uma inclusão de grupos sociais excluídos das políticas públicas atuais, possibilidade de atendimento de necessidades básicas focadas nas comunidades da floresta.”

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE/2007.

O Instituto Peabiru, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, atuando na Amazônia desde 2006, desenvolve desde 2010 o *Programa Viva Marajó*. Este Programa tem como Objetivo Geral *contribuir para a conservação da biodiversidade e da água, para a segurança fundiária, segurança alimentar e melhoria da qualidade de vida de povos e comunidades tradicionais, com especial atenção ao ordenamento territorial e implementação e consolidação das áreas protegidas do Marajó.*

O *Programa Viva Marajó* considera a mesorregião do Marajó, e seus 16 municípios – Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Currálinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista, Soure –, com 104 mil km² (10,4 milhões de hectares), como um território único. Embora suas grandes proporções e importância histórica e cultural para o Pará e o Brasil, este Território apresenta um dos piores IDH do país, cerca de 0,63, com uma economia que não acompanha o crescimento do Estado³. Estes e outros dados e reflexões podem ser melhor visualizados no Diagnóstico socioeconômico do Marajó – *Escuta Marajó* (<http://peabiru.org.br/desenvolvimento-local/>), realizado entre os anos de 2010 e 2011 pelo *Programa Viva Marajó*.

Outra ação do *Programa Viva Marajó* que merece destaque é o *Diagnóstico das Cadeias de Valor do Marajó*. Inserida no eixo econômico do Programa, o objetivo é *contribuir para o desenvolvimento de cadeias de valor sustentáveis, inclusivas e representativas do Território*

³ Enquanto o Estado do Pará teve um crescimento do PIB de 27% entre 2006 e 2008, o Marajó cresceu apenas 16% (dados apresentados na *Escuta Marajó*)



marajoara, que valorizem a conservação ambiental, sejam capazes de se diferenciar no mercado e com potencial de gerar benefícios econômicos. O Diagnóstico procurou compreender a dinâmica das cadeias de valor da mandioca, da pesca artesanal, da pecuária e do açaí, produtos que foram identificados como de grande relevância para o Território durante a *Escuta Marajó*. Estes servem como um marco zero, visto que nenhum estudo com enfoque territorial ter sido realizado até então. Estes Estudos também foram devolvidos aos municípios durante o processo de socialização do *Escuta Marajó*.

Neste contexto é que em outubro de 2012 o Instituto Peabiru foi aprovado na chamada pública do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD em parceria com o Ministério do Meio Ambiente – MMA Nº 16113/2012 LOTE 01, com o Projeto *Promoção do arranjo produtivo do açaí e da andiroba para Povos e Comunidades Tradicionais no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará*. Esse projeto tem como objetivo geral *Elaborar e aprimorar a estratégia do Arranjo Produtivo Local (APL) dos produtos da sociobiodiversidade do açaí e andiroba no território marajoara, especialmente para a promoção da segurança alimentar e nutricional e de geração de renda para populações agroextrativistas e Quilombolas, identificando e priorizando limitações e oportunidades de forma participativa, junto às instituições operadoras, prestadoras de serviço, de apoio, de fomento, e executoras de políticas públicas.*

1.1. Contexto socioeconômico do açaí na região

Segundo o Instituto Peabiru (2011), os métodos de produção tradicionais do Marajó se mantiveram quase que estáveis ao longo do tempo, mostrando forte resiliência às diferentes fases de produção agrícola que ocorreram na Amazônia. Mesmo com o crescimento da venda do fruto do açaí ou exportação de gado bubalino, o Marajó ainda carece de ciência que possa melhorar a sua economia.

Segundo dados do IBGE levantados durante as pesquisas do Instituto Peabiru (2011), o valor da produção de produtos florestais não-madeireiros no Marajó foi superior aos R\$ 43 milhões. A produção de açaí representa mais de 86% desse valor, seguido pelo palmito e castanha-do-pará, com respectivamente 9% e 1,7% do total.

Tabela 1 - Produção florestal de açaí segundo o IBGE (2009)

Produtos Florestais Não-Madeireiros (Açaí) - Classificação com base no Valor da Produção - (em mil reais)		
Município	Produtos	
	Açaí	% no Marajó
Ponta de Pedras	R\$ 10.257,00	27,7%
Muaná	R\$ 8.505,00	22,9%
São Sebastião da Boa Vista	R\$ 5.801,00	15,6%
Afuá	R\$ 4.218,00	11,4%
Cachoeira do Arari	R\$ 2.397,00	6,5%
Curralinho	R\$ 1.620,00	4,4%
Breves	R\$ 1.560,00	4,2%
Anajás	R\$ 1.500,00	4,0%
Portel	R\$ 640,00	1,7%
Chaves	R\$ 300,00	0,8%
Bagre	R\$ 206,00	0,6%
Gurupá	R\$ 76,00	0,2%
Melgaço	R\$ 4,00	0,0%
Salvaterra		
Soure		
Total Produto	R\$ 37.084,00	100%

Elaboração: Instituto Peabiru

A produção de açaí na época da safra movimentava as comunidades ribeirinhas. Famílias inteiras, jovens, mulheres e crianças, adentram o “mato” e coletam ou, para usar a expressão deles, “apanham” toneladas de açaí que abastece o mercado do Pará e de outros Estados, como Macapá e o Amazonas (Peabiru, 2011). O açaí, sem dúvida é marca marajoara, item básico de segurança alimentar que muito ajudou a população do Marajó no enfrentamento da fome.

Regina Oliveira, pesquisadora do Museu Emílio Goeldi, comenta em seu estudo realizado em Curralinho (Silva et. al, 2011) esta forte relação entre o agroextrativista e o açaizeiro. De acordo com a pesquisadora, moradores entrevistados por ela, apesar de terem participado de diversos cursos técnicos sobre o manejo dos açaizais, ainda não aplicaram o conhecimento adquirido em suas posses

por “pena” de cortar um açaizeiro e perder os cachos que ele irá produzir ou pelo fato da dificuldade de cortar uma árvore que os alimentou.



12

Figura 1 - Pesquisadora Regina Oliveira acompanhando o comércio de açaí em Curralinho
Foto: Monte Hendrickson, outubro 2011.

Segundo Regina Oliveira, mais do que alimentar, o açaí mostra-se atualmente como uma força geradora de renda para a população ribeirinha e com chance de dar boas condições de vida para essas famílias e ainda potencial para garantir empregabilidade nos centros urbanos. Entretanto, as estatísticas oficiais necessitam de maior precisão. O Instituto de Desenvolvimento Econômico Social e Ambiental do Pará - IDESP, em estudos na região, concluiu que já em 2008, os valores recebidos por todos agentes que realizaram as vendas (oferta) do açaí no Marajó foi contabilizado em 690 milhões de reais, destes ficaram no mercado local 359 milhões, que corresponde a 52% do VBP total. O mercado estadual contabilizou R\$ 163,5 milhões e o mercado (inter) nacional R\$ 167,9 milhões (IDESP & IDEFLOR, 2011).

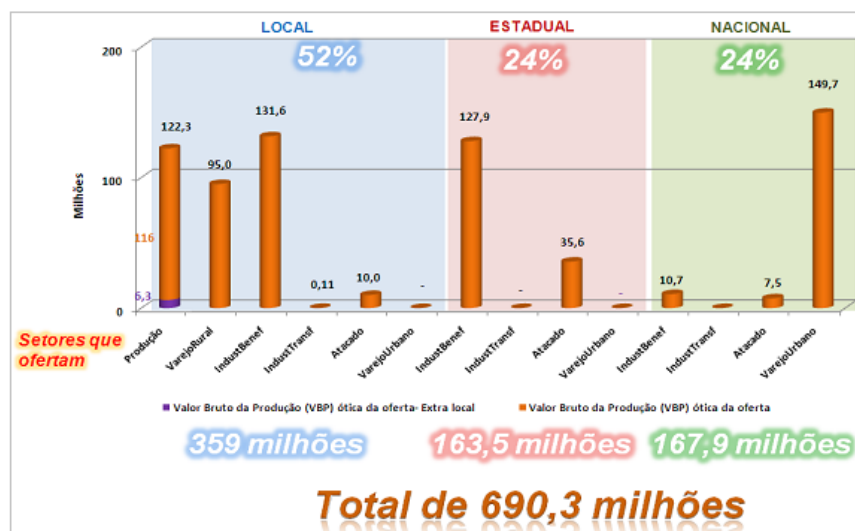


Figura 2 - Valores da produção do Marajó em açaí no ano de 2008. Fonte: IDESP.

Os trabalhos durante a oficina trazem à tona diversas questões que denotam certa contradição nos números acima expostos. Diversos extrativistas que participaram da oficina questionaram os dados oficiais informando que em sua maioria estes, em termos de volume de produção, não correspondem à realidade, além disso, não há um sistema consolidado de monitoramento dos efeitos positivos e negativos na vida da população marajoara da venda em larga escala do açaí, em seus aspectos ambientais, sociais e culturais.

O presente relatório trata da atividade 1.3 da Meta 1: *Oficina Inicial de Planejamento Estratégico de Promoção de Cadeia de Valor do Açaí*. Devido à complexidade das duas cadeias, optou-se por se trabalhar com grupos separados. Este documento faz referência somente às atividades desenvolvidas pelo grupo APL Açaí. A realização desta oficina de mapeamento e planejamento estratégico do APL do açaí marajoara e formação de seu núcleo gestor, de 5 (cinco) dias, em Belém, envolveu atores locais dos municípios de Afuá, Bagre, Breves, Chaves, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná e Portel do território Marajoara, assim como de instituições parceiras e do setor público do Estado e da União.



2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Seguindo as orientações do “*Guia Metodológico de Implementação de Oficinas de Promoção de Cadeias de Valor*”, a oficina, prevista para a duração de 5 dias, entre o mapeamento da Cadeia, o Planejamento Estratégico, a Formação do Núcleo Gestor e a primeira reunião deste para pactuação dos responsáveis pelas atividades previstas no Plano, teve como principal diretriz a metodologia participativa *Value Links*⁴, que permite a atuação efetiva dos participantes no processo de elaboração das informações, a partir da valorização de seus conhecimentos e experiências e do envolvimento na discussão, identificação e busca de soluções para questões que emergem de suas vidas cotidianas.

14

Baseado no guia elaborou-se um roteiro metodológico norteador da Oficina (Anexo). Dentro deste roteiro dividiu-se as atividades em quatro momentos: Apresentação; Diagnóstico; Planejamento Estratégico; e Governança.

Apresentação

Neste momento, a dinâmica se resume em apresentação das diretrizes gerais do Projeto, apresentação institucional do Instituto Peabiru, inscrição e apresentação dos participantes e apresentação da metodologia *Value Links*.

⁴ O manual utilizado foi o livro de referência para a metodologia *ValueLinks-B*, que é o nome dado à compilação sistemática de métodos orientados à ação para promover o desenvolvimento econômico com inclusão **social** e produtiva de Povos e **Comunidades** Tradicionais e Agricultores Familiares (PCTAF's) a partir de uma perspectiva de cadeia de valor, com respeito às especificidades culturais e à manutenção da qualidade ambiental, ou seja, com uma perspectiva da **sustentabilidade** dos meios de vida das populações **tradicionais**. - **Fonte:** Manual ValueLinks-B, para Coordenação do Plano Nacional de Promoções das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade.



Diagnóstico

Este é a aplicação da Metodologia *Value Links* para o mapeamento da cadeia de valor. Procurou-se, através da aplicação de ferramentas participativas como a utilização de tarjetas de diferentes cores para a identificação dos diferentes momentos da cadeia de valor, iniciando pela identificação dos elos da cadeia, passando pela nomeação dos atores da cadeia (operadores – tarjetas amarelas; serviços operacionais – tarjetas azuis; Serviços de apoio – tarjetas verdes; e Organismos reguladores – tarjetas rosa), obter um mapa representativo da cadeia desde a produção até a identificação dos mercados. Após esta identificação, passa-se ao refinamento, ou análise, dos dados obtendo-se, através de ligações, as relações de comercialização entre os operadores da cadeia.

Planejamento Estratégico

Inicia-se com apresentação sobre os principais conceitos a cerca de Planejamento Estratégico, a fim de subsidiar as discussões. Dessa forma passa-se ao levantamento das principais problemáticas relacionadas à cadeia, como identificação dos “Gargalos” e “Oportunidades”. Seguido a isso, começa-se a responder as questões relativas à Visão de Futuro do APL: “Como queremos o açaí do Marajó em 2018?”. Com a Visão de Futuro elaborada têm-se o objetivo final visualizado e pode-se então partir para a elaboração do Plano de Ações, este composto por 6 níveis de refinamento, sendo: *Objetivos* (formam a visão geral de acordo com a Visão de Futuro); *Atividades* (são um nível de refinamento mais próximo da realidade, porém está mais ligada ao que se deve fazer, os passos, para se realizar os objetivos); *Ações* (estão no nível da execução de fato, o que se deve fazer de concreto para se alcançar os Objetivos); *Prazos* (o tempo para a realização das ações, estão divididos em Curto, Médio e Longo); *Animador* (responsável pelas ações, não necessariamente o executor das mesmas, mas o ponto focal para a respectiva ação); *Indicadores* (Servem como um medidor da ação, objeto em que se possa aferir o nível de efetividade da ação).



Governança

Esta é a etapa final de toda a oficina, momento em que a Plenária decide (vota) nas entidades que deverão compor o Núcleo Gestor do APL do açaí no Marajó. Além disso, é de responsabilidade do núcleo a execução do Plano de ações, por isso é pactuado entre os membros as responsabilidades (os animadores) pelas ações que compõem o Plano.

16

Além de seguir com orientações metodológicas do *Value Links* como roteiro de execução do projeto, o Instituto Peabiru elaborou previamente com os facilitadores da Oficina, reuniões técnicas e treinamentos dos consultores na metodologia *Value Links*. Um roteiro de conteúdo com identificação de pontos a serem abordados e as respectivas propostas metodológicas foi o fruto deste treinamento.

Como forma de atingir os objetivos da oficina em questão os facilitadores levaram em consideração as experiências e/ou vivências sobre os assuntos abordados. Dessa forma, buscou-se a aplicação de apropriadas ferramentas de participação e construção coletiva e adequadas técnicas de motivação e facilitação, conforme *Value Links* orienta (foram utilizadas outras ferramentas mais próximas da realidade do público alvo, como a utilização de Diagrama de Venn, exposição de vídeos e trabalhos em grupos).

Os produtos gerados durante as oficinas foram elaborados de modo a se promover a melhor visualização, entendimento e interação, os quais foram feitos em linguagem adequada ao público, composto em sua maioria por extrativistas. Em alguns momentos foram retomados assuntos já trabalhados anteriormente para que o processo de identificação e aprendizagem da cadeia do açaí tivesse um caráter de fluxo contínuo de construção do conhecimento, despertando sentidos de protagonismo e pertencimento, importantes para a consolidação dos objetivos da oficina.



Para orientar na construção do mapeamento geral da cadeia de valor do açaí durante a realização da oficina através de utilização do *Value Links*, fez-se resumo dos passos do guia metodológico, conforme descrita abaixo.

17

1º passo – Definição das etapas da cadeia (tarjetas setas brancas) – Etapas são os elos da cadeia, os diferentes pontos de transição do produto, onde ele passa de um operador à outro, onde agrega valor (não ultrapassar 8 etapas);

2º Passo – Definição dos atores da cadeia (tarjetas amarelas) – operadores são os atores que detêm o produto para si em algum momento, que o adquirem, que são se tornam donos do mesmo;

3º passo – Definição dos prestadores de serviço (tarjetas azuis) – são atores com atuação direta na cadeia, porém não se tornam detentores do produto, são apenas um meio.

4º passo – serviços de apoio (tarjetas verdes) – são os organismos de cooperação, quem de alguma forma promove melhorias de forma indireta para a cadeia, assistência técnica, ex: ONGs, ATERs (EMATER), EMBRAPA, etc.

5º passo – Organismos reguladores (tarjetas rosa) – órgãos governamentais, responsáveis pelo cumprimento das leis, normas e procedimentos

Análise:

1º passo – definição das atividades por etapa de cadeia (anotações com os pincéis diretos no quadro, abaixo das tarjetas com as etapas da cadeia).

2º passo – setas com indicação das relações:

- a) Setas pontilhadas (-----) relações fracas, sem vínculos contratuais;
- b) Setas em linhas (———→) relações medianas, sem vínculo contratual, mas com alguma relação institucional, por ex: associados/cooperados que negociam com suas associações/cooperativas.
- c) Setas em linhas grossas (———→) relações fortes, contratuais.



3. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

3.1. Apresentação

20/05/2013

- Inscrição dos Participantes;
- Apresentação institucional;
- Apresentação da metodologia Value Links

18

Durante a abertura do evento, onde todos os representantes das entidades governamentais e não governamentais que atuam na cadeia de valor do açaí no Marajó puderam se apresentar, o Sr. Manoel Potiguar iniciou as falas institucionais do Instituto Peabiru explanado sobre o Projeto “Fortalecimento dos Arranjos Produtivos Locais – APL’s de açaí e andiroba no Marajó” e sua importância para a região, além de ressaltar o apoio do Ministério do Meio Ambiente - MMA e o financiamento do Projeto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Em seguida, passou a fala ao Sr. João Meirelles Filho, Diretor do Instituto Peabiru.

O Sr. João Meirelles destacou em sua fala o histórico do Instituto Peabiru, que este ano completa 15 anos. Falou também sobre a importância em se desenvolver o mercado do açaí e andiroba no Marajó para melhoramento da vida das comunidades. Continuou sua narrativa sobre o Instituto Peabiru ressaltando seus trabalhos no Marajó, através do Programa Viva Marajó iniciado há 3 anos.

Em seguida passou-se a apresentações sobre a programação do evento, pactuando horários e métodos. Fez-se breve apresentação em *Power Point* sobre a aplicação metodologia *Value Links*.



3.2. Diagnóstico

20 a
22/05/2013

- Identificação das etapas da Cadeia de Valor do açaí;
- Identificação dos Atores da Cadeia de Valor do açaí;
- Refinamento do Mapa da Cadeia de Valor do Açaí.

19

O grupo do Arranjo Produtivo Local - APL do açaí teve como facilitador o Sr. Carlos Augusto Ramos, Consultor. Este iniciou sua moderação com a exibição do filme da série *Florestabilidade*⁵, que mostra a importância de se manter a floresta em pé, como um novo paradigma a ser adotado do Brasil em relação às suas florestas no século XXI.

Para o início do mapeamento, para a identificação dos elos da cadeia, o Sr. Carlos Augusto executou uma dinâmica com o grupo, que consistiu na divisão dos membros do grupo em pares colocados frente à frente repetindo a sequência de números 1 e 2. A dinâmica teve por finalidade estimular os trabalhos em grupo, a cooperação e o trabalho em equipe.

3.2.1. Definição das Etapas da Cadeia de Valor do Açaí

Após a dinâmica, o grupo foi subdividido em dois, para discutirem os elos da cadeia, as diferentes etapas pelas quais o açaí percorre e confecção de painéis.

⁵ “Quanto Vale a Floresta?” <http://www.youtube.com/watch?v=HgJezPYe2l8>



Figura 3 - Subgrupo 1 do APL açai para identificação das etapas da cadeias de valor.



Figura 4 - Subgrupo 2 do APL açai para identificação das etapas da cadeias de valor.

O subgrupo 2 analisou a diferença entre elos de cadeias, com o exemplo do extrativista que trabalhava apenas com um ou dois atravessadores; O subgrupo 1 iniciou com o Sr. Izaias Martins/RESEX TGP explicando a técnica de extração do fruto açazeiro.

Foram apresentadas ao grupo geral as tarjetas que representariam as etapas da cadeia, como exemplificado na Figura 5 abaixo. Passou-se a identificação dessas etapas



Figura 5 - Descrição das etapas da cadeia

Dessa forma, ficaram elencadas as seguintes etapas da cadeia de valor do açaí:

Tabela 2 - Descrição das etapas da cadeia de valor do açaí no Marajó

Etapa	Descrição da etapa
Produção	Com atividades de plantio, limpeza dos açazais, desbaste de estipes e touceiras, raleamento.
Extração	Com ações de coleta, debulha e ensacamento dos frutos de açaí.
Transporte	Nesta etapa ocorre o armazenamento, o congelamento e o transporte propriamente dito, no Marajó sobre tudo por meio fluvial
Distribuição	Etapa caracterizada como importante, mas pouco considerada em estudos, com atividades de seleção/ triagem, armazenamento, transporte, congelamento e distribuição;
Beneficiamento	Com ações de obtenção do vinho popular do açaí (mercado local), ou em caso de industrialização ocorre lavagens, despulpamentos, congelamentos, branqueamento; em caso de uso cosmético, atuam as indústrias para este fim ⁶ .
Comércio	Ocorre o transporte, a distribuição e a venda de açaí <i>in natura</i> ou processado;
Consumo	Nos mercados locais, estaduais, nacionais e internacionais; cabe também destaque para os mercados institucionais incentivados pelo Governo Federal através de seu Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que começam a ganhar destaque como consumidores do açaí marajoara.

⁶ A empresa Beraca é atualmente a que mais mantém relações comerciais com agroextrativistas do Marajó, principalmente na venda de sementes de andiroba, murumuru e frutos de açaí. Ver site <http://beraca.com/>

3.2.2. Definição dos Atores da Cadeia de Valor do Açaí

Seguindo a programação, o moderador passou à etapa de identificação dos atores que participam na cadeia. Seguindo os trabalhos, elaborou um “Diagrama de Venn”, tendo como centro o extrativista (“produção”), para a identificação das entidades que atuam na cadeia de valor:

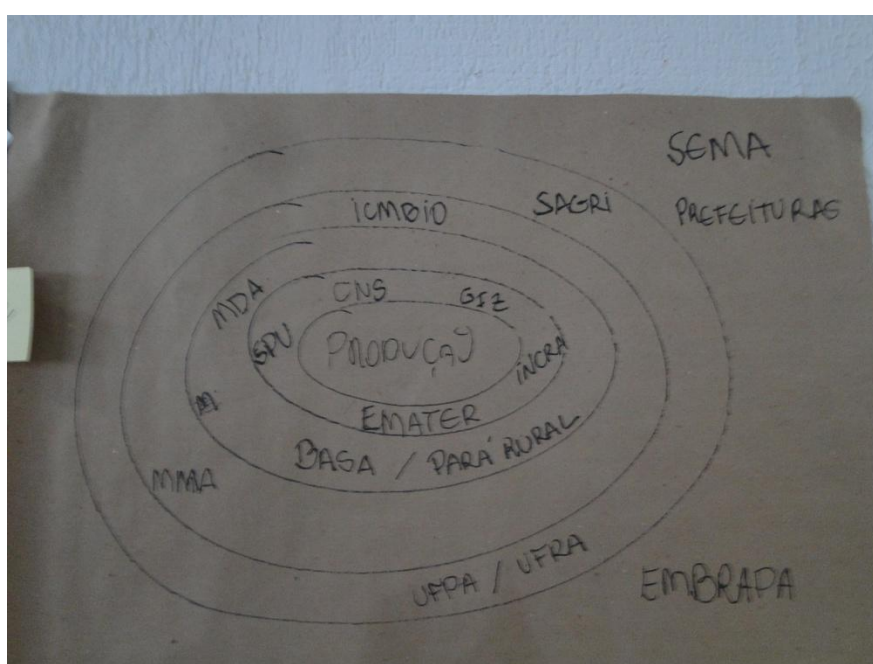


Figura 6 - Diagrama de Venn: entidades que atuam na cadeia de valor do açaí no Marajó

Entre os vários atores apontados, alguns demandaram maior debate como o “debulhador” e o “meeiro”, devido não serem atores sociais frequentes em todos os locais. Ao final dos debates resolve-se que eles seriam mapeados e concluiu-se que um é de fato um prestador de serviços, o “debulhador”, e o outro é operador.

O moderador levantou questões sobre terceirização do beneficiamento do açaí e os entraves para o extrativista na negociação com os mercados devido à falta de padronização de medidas.

“uma cooperativa que use uma fábrica alugada para processar o produto *in natura* com saída final de logomarca, embalagem e etc. tem dificuldade de

negociação, pois o costume é negociarem em lata ou rasa, mas o mercado só negocia a quilo”. (Carlos Ramos).

Os debates remeteram a diversos gargalos sobre a comercialização do produto. O Sr. Marcos Oliveira, secretário de meio ambiente de Curralinho, comentou a dificuldade em se conseguir certificação orgânica para o pequeno produtor em relação aos grandes empresários que já estariam plantando suas mudas também. Os participantes concordaram que praticamente todos os insumos e tecnologias envolvidas na cadeia de valor do açaí estão mais próximos da industrialização do que a produção. Falou-se que as pesquisas feitas junto aos extrativistas, em sua maioria, não se preocupam com a aplicabilidade prática para a vida desta população e que muitos projetos desenvolvidos não têm continuidade.

Com as discussões e trabalhos em grupo conseguiu-se formar o quadro genérico a seguir, detalhando os principais atores da cadeia de valor do açaí no Marajó, já os enquadrando nos respectivos elos, Figura 7, abaixo:



Figura 7 - Identificação dos atores, por etapa, da cadeia de valor do açaí no Marajó

No segundo dia do evento, dia 21, o Sr. Carlos Augusto, iniciou a moderação do grupo do açaí provocando os mesmos a rememorarem os trabalhos do dia anterior e explanou sobre a importância do mapeamento da atividade de forma participativa para fortalecimento das comunidades

extrativistas, via suas associações e cooperativas, assim como da importância do trabalho em conjunto das comunidades para melhoramento do da produção de açaí e para agregação do valor nas próprias comunidades.

3.2.2.1. Definição dos Operadores

Fazendo referência ao quadro elaborado no dia anterior (Figura 7), passou-se ao 2º passo da metodologia: definição dos operadores da cadeia - indicados nas tarjetas amarelas, representadas abaixo como Figura 8. Para auxiliar na discussão destacou-se que operadores são os atores que detêm o produto para si, que adquirem-no, que se tornam donos do mesmo.

Operadores

Figura 8 - Descrição/identificação dos atores

Passou-se novamente ao quadro elaborado em que puderam identificar esses atores. Houve alguma discussão, mas sem grandes polêmicas. O quadro abaixo (Tabela 3) resume essas discussões.

Tabela 3 - Descrição da atuação dos operadores

Operador	Etapas de atuação	Descrição da atuação do operador
Extrativista	Produção / Extração / Beneficiamento	Principal ator da cadeia, que detém a posse e maneja a floresta para a produção de frutos de açaí.
Associação	Produção / Extração / Comércio	Organização social formal que representa a família agroextrativista na busca por políticas públicas para a produção e comercialização do açaí; a associação tem feito em muitos lugares a organização da produção para a venda do açaí, enfrentando os atravessadores.
Cooperativa	Produção / Extração / Comércio	Associação de pessoas com interesses comuns, organizada de forma democrática entre seus cooperados e que tenha como fim o melhoramento econômico e social de seus associados. É mais adaptada para o comércio em comparação à associação por emitir nota fiscal; a cooperativa também organiza a produção para a venda do açaí, enfrentando os atravessadores.
Meeiro	Extração	Família ou indivíduos que recebem metade da produção de outra família, no serviço de ajudar a coletar nos açais de sua "propriedade".
Atravessador Marreteiro	Transporte	Agente intermediador da venda do açaí que transporta a produção para os batedores locais na capital ou sedes municipais, além de repassar os atravessadores externos. Normalmente sua origem é próprio município onde



Operador	Etapa de atuação	Descrição da atuação do operador
		“atravessa”. Vem perdendo ao longo dos últimos 10 anos sua força de aviamento sobre os extrativistas, porém, influenciam bastante as relações comerciais em muitos lugares remotos do Marajó onde as políticas públicas e a organização social são fracas.
Atravessador Externo	Transporte	Segundo agente intermediador da venda do açaí que junta os frutos coletados pelo atravessador marreteiro e os transporta para os locais de distribuição ou beneficiamento. Ainda possuem bastante força na cadeia de valor do açaí.
Atravessador Financeiro	Transporte	Categoria de agente intermediador da venda do açaí que além de realizar as funções dos atravessadores anteriormente citados, atua como financiador, emprestando dinheiro para batedores de açaí a juros acima do mercado, para que estes possam comprar os frutos ou investir em maquinário.
Batedor de Açaí	Distribuição/ Beneficiamento	Operador importante da cadeia de valor do açaí a nível local, pois além de fazer a distribuição, transforma os frutos em vinho para consumo popular, sendo juntamente com o extrativista um dos principais “termômetros” da oscilação de preços no mercado.
Agroindústria	Beneficiamento	Indústria particular que recebe os frutos dos atravessadores para processamento, congelamento e armazenamento dos frutos para distribuição e venda a supermercados, restaurantes, etc.
Agroindústria da cooperativa	Beneficiamento	Indústria vinculada à cooperativa dos extrativistas que processa, congela, armazena e vende seus produtos a supermercados, restaurantes, etc.
Indústria de Cosméticos	Beneficiamento	Indústria particular que recebe os frutos dos atravessadores, associações ou cooperativas para extração dos princípios ativos do açaí e assim vendê-los para as grandes empresas do setor de cosméticos.
Restaurantes	Beneficiamento / Comércio	Setor de comércio que repassa o produto transformado (vinho ou polpa congelada) conforme seu interesse para o consumidor final.
Supermercados	Beneficiamento / Comércio	Setor de comércio que repassa o produto transformado (vinho ou polpa congelada) conforme seu interesse para o consumidor final
Sorveterias	Beneficiamento / Comércio	Setor de comércio que repassa o produto transformado conforme seu interesse para o consumidor final
Distribuidores	Comércio	Atua no armazenamento e distribuição dos itens produzidos pela indústria de cosméticos

3.2.2.2. Definição dos Prestadores de Serviços

Prosseguiu-se com a elaboração do mapeamento, passando à etapa de se apontar os prestadores de serviço, lembrando que esta etapa do mapeamento está relacionada àqueles atores que têm atuação direta na cadeia, porém não se tornam detentores do produto, são apenas um meio do processo de escoamento ou de ligação do produto a outros atores envolvidos nessa cadeia. Esta fase foi representada pela tarjeta de cor azul como a Figura 9 exemplifica.

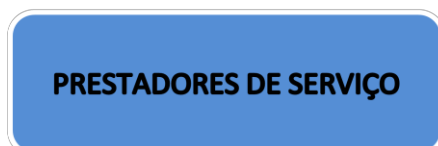


Figura 9 - Prestadores de serviço

Esta etapa foi discutida pelo grupo de forma comum e consensual, pois já havia ficado claro, durante o levantamento dos atores da cadeia, que alguns deveriam aparecer no mapeamento, muito embora sejam relativamente novos, como o debulhador, que surge em um momento de grande demanda pelo produto e que o extrativista precisa terceirizar o serviço para poder dar conta da produção.

Vale destacar o aparecimento de outro ator no nível da prestação de serviços: o Agente intermediador. Este personagem atua sem contato algum com o produto e serve como ponte entre os grandes atravessadores, a quem prestam o serviço, e empresas⁷.

Tabela 4 - Descrição da atuação do Prestador de Serviço

Prestador de Serviço	Etapa de atuação	Descrição da atuação do Prestador de Serviço
Peconheiro	Extração	Designação local para quem extrai açaí, pago por produção de latas coletadas. Segundo Silva <i>et. al</i> , 2011, Um “bom peconheiro” pode coletar até 6 rasas/dia, o que corresponderia a aproximadamente 48 cachos. Muitos deles são adolescentes, começando e recebendo por seus trabalhos a partir dos 12 anos de idade.
Debulhador	Extração	Apesar de pouco comentado, o debulhador ganha cada vez mais espaço como prestador de serviço da cadeia de açaí, principalmente em lugares como São Sebastião da Boa Vista e Muaná. Muitas mulheres e crianças atuam na atividade de

⁷ No mapa elaborado (Figura 15), há um círculo nas setas que indica o momento em que há sua atuação na cadeia.

Prestador de Serviço	Etapas de atuação	Descrição da atuação do Prestador de Serviço
		debulhar o açaí.
Atravessador Comunitário	Extração/ Transporte	Prestador de serviço que surgiu recentemente no município de Curralinho, cuja função é recolher a produção da comunidade ou associação para “escapar” dos atravessadores marreteiros ou mesmo atravessadores externos. O pagamento ao atravessador comunitário adota preços acordados entre os membros da comunidade.
Carreteiro	Transporte	Componente da cadeia que atua nos portos das sedes municipais e capital embarcando e desembarcando a produção.
Fretista	Transporte	Componente da cadeia que transporta e distribui a produção de açaí na cidade de Belém para as agroindústrias ou agentes do comércio. Alguns possuem caminhão com câmara fria.
Estivador	Distribuição /	Componente da cadeia que atua nos grandes portos e nos armazéns das capitais embarcando e desembarcando a produção de açaí.
Agente Intermediador	Distribuição / Beneficiamento	Prestador de serviço que trabalha em articulações comerciais de venda e revenda, com pouco ou nenhum contato com a manipulação dos frutos.
Agroindústria Terceirizada	Beneficiamento	Indústria particular que presta serviços de embalagem da polpa de frutas para associações.

3.2.2.3. Definição dos Serviços de Apoio

Seguiu-se então à descrição dos serviços de apoio. Estes serviços são efetuados pelos os organismos de cooperação, quem de alguma forma promove melhorias indiretamente para a cadeia, que dá assistência técnica, porém sem cobrar pelo serviço, por exemplo: ONGs, ATERs (EMATER), EMBRAPA, entre outros.

Esta etapa será representada pela tarjeta verde, conforme a figura 10 apresentada abaixo.



Figura 10 - Representação da descrição dos serviços de apoio ao trabalho com o açaí

Não houve grandes debates sobre o assunto. Seguiu-se com o mapeamento geral dos atores e sua colocação no nível dos serviços de apoio, segue abaixo tabela com resumo do mapeamento.

Tabela 5 - Descrição da atuação do Serviço de Apoio

Serviço de Apoio	Etapas de atuação	Descrição da atuação do Serviço de Apoio
Banco do Brasil	Produção/ Extração / Transporte / Comercialização	Apoio através de financiamentos (Via Pronaf ⁸) e assessoria técnica para o manejo dos açaizais nativos, armazenamento, transporte e comercialização do açaí
Banco da Amazônia	Produção/ Extração / Transporte / Comercialização	Apoio através de financiamento (Via Pronaf) e assessoria técnica para o manejo dos açaizais nativos, armazenamento, transporte e comercialização do açaí.
EMATER	Produção / Extração/	Prestador de assistência técnica do Governo do Estado do Pará com escritórios nos 16 municípios do Marajó. Mesmo com a falta de estrutura diante da logística regional, tem se mostrado uma referência técnica para os extrativistas.
Outras prestadoras de ATER	Transporte	Prestadoras de serviço de assistência técnica particulares contratadas a partir dos editais do MDA para atendimento das comunidades. Estão em fase de implantação de suas ações no Marajó.
SAGRI	Transporte	Secretaria Estadual de Agricultura que estabelece as políticas públicas para o meio rural. Seus maiores resultados no que se refere ao açaí estão ligados aos trabalhos da EMATER, empresa vinculada.
SENAR	Produção / Extração	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural que tem realizado capacitações em manejo de açaizais e técnicas de manipulação de frutos.
SEBRAE	Produção / Extração	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – tem atuado em capacitações de manejo e empreendedorismo.
UFRA	Produção/ Beneficiamento	Com projetos voltados para o fortalecimento da produção e da gestão comunitária da comercialização do açaí. Nos últimos anos teve ações nos municípios de Curalinho, São Sebastião da Boa Vista, Breves e Portel.
UFPA	Produção/ Beneficiamento	Com projetos científicos para o fortalecimento da produção e da gestão na comercialização do açaí.
ONGs e Fóruns de debate territorial	Produção / Extração	Nos últimos 3 anos, ONGs como o Instituto Peabiru realizaram pesquisas para entender o nova posição do açaí no contexto econômico regional e nacional. Além disso, o Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó (CODETEM) tem levado aos órgãos governamentais os problemas causados da falta de monitoramento da produção do açaí, cobrando ensino profissionalizante para o

⁸ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Serviço de Apoio	Etapas de atuação	Descrição da atuação do Serviço de Apoio
		uso dos recursos naturais no Marajó.
EMBRAPA		Centro de excelência em pesquisa que tem realizado pesquisas em manejo do açaizal nativo e desenvolvimento da variedade BRS para plantações.
LANAGRO		Laboratórios Nacionais Agropecuários que monitoram a qualidade do açaí vendido, inspecionando procedimentos de armazenamento e transporte dos frutos.
LACEN		Laboratório credenciado pelo Estado ou município que monitora a qualidade do açaí para consumo humano. O LACEN da Secretaria Municipal de Saúde de Belém, por exemplo, tem atuado no monitoramento de contaminações do açaí pelo <i>Trypanosoma cruzi</i> , causador do Mal de Chagas.
BANPARÁ		Banco que apoia o beneficiamento de frutas do açaí através de financiamentos.

3.2.2.4. Definição dos Órgãos Reguladores

Para o 5º passo deste mapeamento, definição dos organismos reguladores, utilizou-se as tarjetas rosa, representado na Figura 11 abaixo – esses organismos são responsáveis pelo cumprimento das legislações e normas e procedimentos.



Figura 11 - Mapeamento dos organismos reguladores

Tabela 6 - Descrição da atuação na regulamentação

Órgãos Reguladores	Etapas de atuação	Descrição da atuação do Serviço de Apoio
SEMA	Produção/ Extração	Tem licenciado a atividade de manejo de açaizais. Contudo, desde publicação da resolução 107 do COEMA de 08 de março de 2013, há a dispensa de licenciamento estadual, passando esta atribuição aos municípios.
SEMMA	Produção/ Extração / Transporte	Com a resolução 107 do COEMA, as SEMMAs passam a terem o papel de monitorarem o manejo de açaizais.
ICMBIO	Produção / Extração	Tem atuação nas 06 unidades de conservação do Marajó, sendo o responsável pelo acompanhamento do uso florestal



Órgãos Reguladores	Etapa de atuação	Descrição da atuação do Serviço de Apoio
		dos açaizais em cerca de 850 mil hectares de floresta.
IBAMA	Produção / Extração	Junto com o ICMBIO, fiscalizam a nível federal a atividade florestal no Marajó.
MAPA	Transporte / Distribuição	Fazem a inspeção a nível federal no momento do transporte, distribuição e beneficiamento.
ADEPARÁ	Produção / Extração	Fazem a inspeção a nível estadual no momento do transporte, distribuição e beneficiamento.
ANVISA	Produção / Extração	Fazem a inspeção a nível federal da qualidade do açaí para o consumo humano, sobretudo nas áreas de distribuição, beneficiamento e comércio.
VISA ESTADUAL	Produção/ Beneficiamento	Fazem a inspeção a nível estadual da qualidade do açaí para o consumo humano, sobretudo nas áreas de distribuição, beneficiamento e comércio.
SECON	Produção/ Beneficiamento	Secretaria Municipal de Economia que analisa o desempenho da venda do açaí no mercado local.

3.2.3. Refinamento do Mapa da Cadeia de Valor do açaí Marajoara

Com a identificação de todos os atores da cadeia (operadores, prestadores de serviço, serviços de apoio e órgãos reguladores) passou-se à etapa de refinamento das informações. Para tal, dividiu-se novamente o grupo em dois subgrupos com a finalidade de que detalhassem as relações postas no mapa.

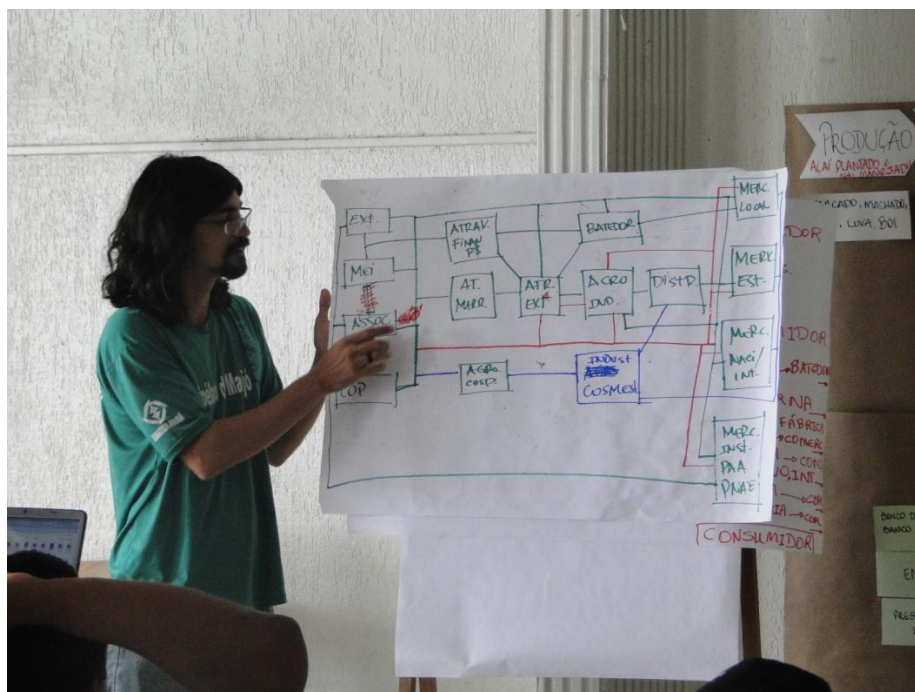


Figura 12 - Apresentação das análises do Subgrupo 1 do grupo APL açai



Figura 13 - Apresentação das análises do Subgrupo 2 do grupo APL açai

Os trabalhos dos dois grupos pautaram-se principalmente na compreensão das relações comerciais entre os operadores da cadeia. Com este exercício a compreensão geral sobre a próxima etapa da metodologia, ou seja, o refinamento do mapa da cadeia de valor, pôde-se avançar já com as representações das relações entre os operadores.

No terceiro dia do evento, 22, o Sr. Manoel Potiguar, facilitador da Oficina, assume a moderação do grupo do APL açai. Iniciou os trabalhos mostrando o mapa que havia sido elaborado no dia anterior e a rememoração dos trabalhos de análise sobre as relações entre os operadores da cadeia. Explicou como deveriam ser feitos os tracejos que ilustram as relações entre os operadores (tal como exemplificado no capítulo acima “Abordagem metodológica”).



Figura 14 - Imagem do mapeamento participativo da cadeia de valor do açaí no Marajó

Ressalte-se que durante o detalhamento não se optou pelas Setas em linhas (→) pois entendeu-se que não haviam relações baseadas na confiança, portanto somente foram usadas as setas que representam as relações informais e as de relações formais (contratuais). A Figura 15 apresenta o Mapa da cadeia de valor do açaí marajoara.

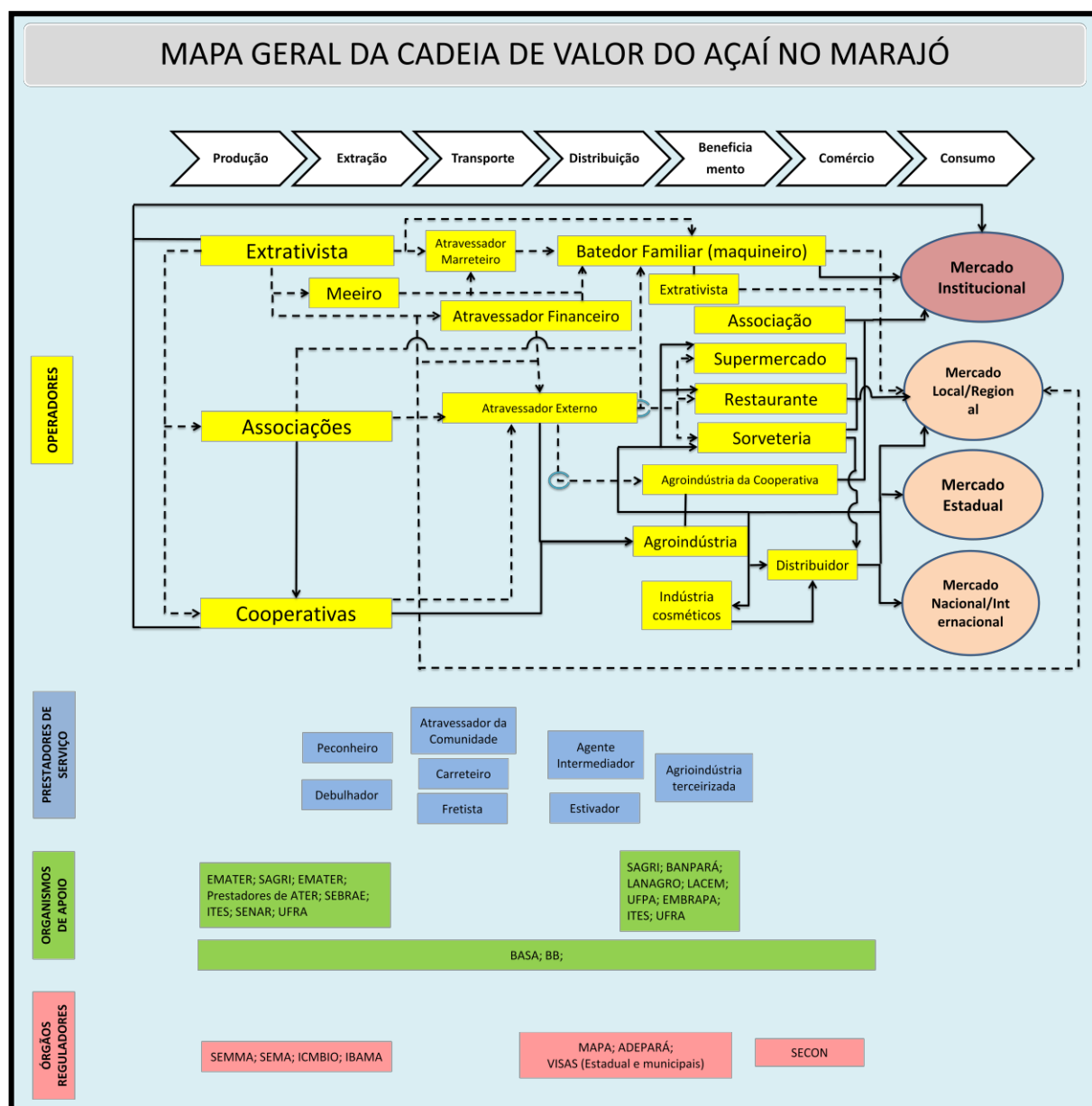


Figura 15 - Mapa geral da cadeia de valor do açaí no Marajó

Vale ressaltar que o quadro geral apresentado acima é resultado de discussão do cenário atual do território Marajoara. É o mapa que reflete os processos comuns das atividades na cadeia de valor do açaí no Marajó.

3.3. Planejamento Estratégico

21 a

22/05/2013

- Gargalos e Oportunidades;
- Visão de futuro do APL do açaí;
- Plano de ação do Núcleo Gestor do APL do açaí.

34

3.3.1. Gargalos e Oportunidades

Como forma de análise crítica do mapeamento e como forma de subsidiar a criação da visão de futuro do APL açaí, o grupo discutiu sobre a identificação dos gargalos e oportunidades no fluxo dessa cadeia, os quais foram elencados na figura 16.

GARGALOS	OPORTUNIDADES
- Falta de cooperativas de extrativistas; - Descapitalização das cooperativas de extrativistas; - Informalidade; - Falta de capital social nas comunidades; - Falta de padronização para as unidades de medida; - falta de padronização no acondicionamento do fruto; - Falta de higiene dos transportes (barcos); - Dificuldade no acesso à certificação.	- Aumento em 2 vezes da produção; - Cooperativas de extrativistas fortalecidas e certificadas; - Rendimento e qualidade da produção; - Geração de emprego e renda para a população; - Melhorar a economia na região; - Planos de manejo aprovados.; - Criação de rede.

Figura 16 - Identificação dos gargalos e oportunidades



3.3.2. Visão de Futuro do APL do açaí.

Com a identificação dos gargalos e oportunidades, passou-se então a elaboração da visão de futuro do APL do açaí marajoara. Para iniciar as discussões foram lançadas as perguntas: *O que vocês pensam ou imaginam quando se fala em açaí?*; *“Como imagino ou sonho que o açaí esteja daqui a 5 anos (2018) no mercado?”*. Para aproximar da realidade, fez-se a seguinte dinâmica: simulou-se que já se tinham passados os 05 anos após o planejamento da atividade com o açaí no Marajó e os participantes ali presentes se reencontraram. A partir dessa ideia geral dividiu-se novamente o grupo APL açaí em dois subgrupos com o trabalho de respondê-las. O resultado das discussões foi levado ao grupo maior e debatido entre todos os participantes, os principais pontos da discussão foram anotados e compõem o quadro abaixo, Figura 17.

35

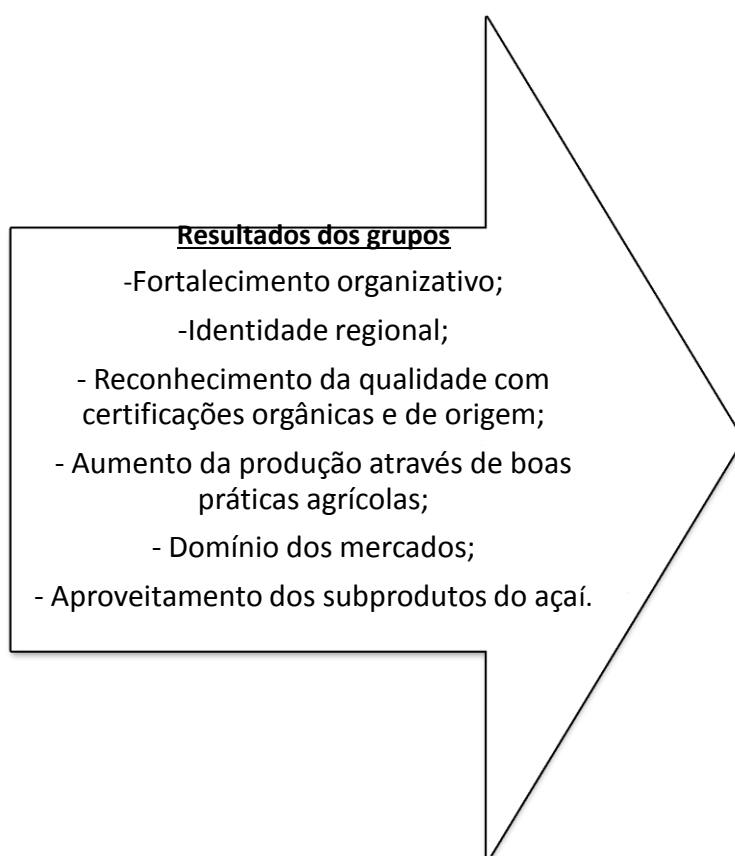


Figura 17 - Pontos levantados dos subgrupos do APL açaí para elaboração da visão de futuro



Figura 18 - Elaboração da visão de futuro do APL do açaí marajoara

Após o levantamento dos pontos relevantes para a elaboração da visão de futuro, passou-se, com a utilização de projeção em tela do texto, à construção textual, em que todos os participantes ficavam livres a opinar. O Quadro abaixo, Figura 19, trás o resultado desta construção.

“O açaí do Marajó com maior inserção no mercado e valor agregado devido à implementação de boas práticas agrícolas e de beneficiamento, no próprio território, por agroindústrias cooperadas e batedores familiares e com certificações de origem e orgânica”.

Figura 19 - Visão de futuro do APL do açaí marajoara

Plano de ações do APL do açaí.

O Sr. Manoel Potiguar iniciou os trabalhos do dia 23 com a rememoração dos resultados dos dias anteriores, desde o mapeamento até a leitura da visão de futuro elaborada no dia anterior. Após a leitura, deu-se início à elaboração do planejamento estratégico do APL do açaí marajoara, que consiste na definição dos *objetivos, atividades, ações, prazos, animador e indicadores*. Ressaltou ainda que nas atividades de elaboração do Planejamento Estratégico do APL dever-se-ia levar em consideração todas as informações e produtos elaborados durante os dias de oficina e que este era o motivo desta etapa da oficina ter ficado para o final.

Pactuou-se com o Grupo os conceitos: *objetivos* consistem no primeiro nível, ou nível macro, do planejamento, o estado ideal que se quer alcançar; as *atividades* são o desdobramento prático para se alcançar os objetivos; as *ações* são a efetivação, o como fazer, das atividades; seguido dos *prazos*, ou seja, qual o tempo em que determinada ação deverá ser executada, se em curto, médio ou longo; *animador* é um membro do núcleo gestor do APL e o responsável pela execução das atividades dentro do prazo estipulado, este não é o executor da mesma, mas o provocador, o acionador dos outros membros do grupo para que a ação seja realizada; *Indicadores* são fatos que demonstram a realização, integral ou parcial, ou não, de determinada ação.

O Sr. Hermógenes Sá, Coordenador Administrativo do Instituto Peabiru, fez apresentação em *Power Point* sobre os conceitos de indicadores, definido de forma geral como:

“Sinal que aponta um caminho, uma determinada condição, com a finalidade de comunicar informações e auxiliar na tomada de decisões. Tem como função simplificar as situações complexas para qualificá-las e poder comunicar de forma clara e precisa. Os indicadores precisam ser congruente com a estratégia, medida qualitativa e não quantitativa, entender relação de causa e efeito, ser inteligível a todos, identificar tendências e progressos, informação atualizada”.

Após a apresentação, o grupo foi novamente dividido em dois subgrupos com a tarefa de discutir e apresentar os Objetivos para o plano de ação.

O Sr. Assunção Novaes “Cacau”, Coordenador do Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó – CODETEM, durante a exposição de seu grupo, grupo 1, falou que:

“Estamos trabalhando muito com oficinas, mas estamos esquecendo o lado social, por isso a importância da padronização de medidas para captação de impostos para o município. Ação integrada com o apoio dos financiadores

(Bancos). A criação de um banco de dados é fundamental para o controle da safra e entressafra”

Durante a exposição dos resultados do grupo 2, a Sra. Renata Barbosa, funcionária da Secretaria Municipal de Saúde de Belém, comentou que:

“Formalizar a comercialização, fortalecer as associações e grupos de trabalho, socializar informações para a comunidade científica, oferecendo assim à população produtos de qualidade”.

38



Figura 20 - Objetivos dos subgrupos do APL açaí para o planejamento estratégico

Com os quadros dos dois grupos elaborados, passou-se ao debate de todos para que fossem elencados o que havia de comum entre os grupos, mas que se debatesse também o que havia de diferente para avaliar sua relevância para o planejamento. Compreende-se que muito do que havia sido discutido pelos grupos estava muito mais próximo da idéia de atividades e ações do que propriamente de objetivos, dessa forma, com o auxílio de tarjetas, foi-se elaborando o quadro com o planejamento estratégico.



Figura 21 - Elaboração do quadro de planejamento estratégico do APL do açaí marajoara



3.4. Governança

24/05/2013

- Formação do Núcleo Gestor do APL do açaí marajoara;
- Definição dos responsáveis pelas atividades do Plano de ação.

40

3.4.1. Formação do Núcleo Gestor do APL do açaí marajoara

O Sr. Manoel Potiguar iniciou os trabalhos do dia com a retomada do plano de ações, com a leitura do que se havia construído no dia anterior. Ressaltou que se deveria formar o núcleo gestor do APL do açaí marajoara para se poder completar o plano de ações, pois há o papel do animador que deverá ser instituição membro do núcleo. Segundo a metodologia *Value Links*, que orienta a execução deste trabalho, a formação do núcleo gestor para APL do açaí no Marajó deve:

“Além de atender uma necessidade óbvia de coordenação, reunir empresas e organizações de apoio em grupos ou comitês núcleo tem vantagens tem muitas outras vantagens: estabelece relações pessoais e profissionais entre os atores; ajuda a construir progressivamente a confiança e a autoconfiança e alimenta o processo de aprendizagem; as instituições criadas para ação coletiva em cadeias de valor são também uma pré-condição para aprofundar o diálogo público-privado; ao mesmo tempo, os grupos núcleo e os conselhos fornecem uma plataforma para a coordenação de diferentes contribuições de doadores.”

Value Links Módulo 4 - Brasília, 2008.

Entende-se ainda que a formação desse núcleo é oportuna para melhoria da cadeia de valor do açaí, assim como estabelecer diálogo entre os atores da cadeia e destes com as instituições de apoio e financiamento, para melhorar a competitividade, pois sabe-se que ainda não existem parcerias formais ou mesmo informais a fim de superar gargalos na dimensão socioeconômica do Marajó. Entretanto, ainda há falta de diálogo entre os atores e as entidades de pesquisa e inovações tecnológicas que permita à produção concorrer no mercado convencional e predatório e potencializar as vantagens competitivas.



Neste sentido discutiu-se que o núcleo terá como função coordenar o Plano de Ações, conseguir parcerias e auxiliar as comunidades no processo de desenvolvimento do projeto. A plenária então indicou que o quadro seguinte, apresentado na Figura 22 com lista de instituições, deverá compor o núcleo. Também a plenária, de acordo comum, se manifestou dizendo que não indicariam os nomes dos representantes dessas instituições até a próxima reunião do núcleo.

41

NÚCLEO GESTOR APL DO AÇAÍ MARAJOARA

- 1- SESPA
- 2-BASA
- 3-SAGRI
- 4-EMATER
- 5-ADEPARÁ
- 6-SENAR
- 7-ICMBio
- 8-CNS
- 9-COPEMAR-MUANÁ
- 10-AMOREMA-MAPUÁ/BREVES
- 11-CODETEM
- 12-RESEX GURUPÁ MELGAÇO
- 13-STTR BAGRE
- 14-ATAA - PORTEL
- 15-AAGRICAIVN-CHAVES
- 16-CENTRAL DE ASSOCIAÇÕES-CURRALINHO
- 17- INSTITUTO PEABIRU
- 18-STTR-AFUÁ

Figura 22 - Lista do núcleo gestor APL do açaí marajoara

Durante o processo de escolha dos integrantes do núcleo gestor, representantes da GIZ entenderam que a instituição não se encaixa como participante do núcleo. Eles atuam na capacitação e assistência às comunidades.

Encerrada a etapa de escolha das instituições que serão convidadas à compor o núcleo, passou-se a fase de finalização do planejamento estratégico.

3.4.2. Definição dos responsáveis pelo Plano de Ação do APL do açaí

42

Em plenária, todos tiveram espaço para opinar sobre a elaboração do planejamento. Ficou acordado que os prazos seriam: Curto – até 1 ano; Médio – de 1 até 3 anos; Longo – acima de 3 anos. O quadro abaixo, Tabela 7, compõe o Planejamento Estratégico do APL do Açaí Marajoara.

Tabela 7 - Quadro de plano de ação do APL do açaí no Marajó

Plano de ação do APL do Açaí do Marajó					
Objetivos	Atividades	Ações	Prazos	Animador	Indicadores
Fortalecimento das Organizações Locais	Oficinas de boas práticas, manejo, organização social e financeira	Identificação do público-alvo	Curto	PEABIRU	Uma lista com a identificação do público alvo
		Demandar aos órgãos competentes oficinas de boas práticas agrícolas e de manejo	Médio	SAGRI, CNS	Todas as pessoas apontadas na lista capacitadas
		Demandar aos órgãos competentes oficinas de fortalecimento organizativo	Médio	SENAR	Todas as pessoas apontadas na lista capacitadas
		Demandar aos órgãos competentes oficinas de educação financeira	Médio	CODETEM	Todas as pessoas apontadas na lista capacitadas
		Demandar aos órgãos competentes oficinas de manipulação	Médio	SESPA	Todas as pessoas apontadas na lista capacitadas
		Demandar aos órgãos competentes oficinas de empreendedorismo	Médio	SENAR	Todas as pessoas apontadas na lista capacitadas
	Implementação das Boas Práticas	Demandar à rede de parceiros o monitoramento	Longo	CODETEM	Monitoramento das atividades de todo o público alvo
	Incentivo a criação de agroindústrias cooperadas	Demandar Estudos de Viabilidade	Longo	COPMAR	3 estudos realizados e entregues
		Buscar parcerias e/ou financiamentos para a	Longo	COPMAR, BANCO DA	3 convênios firmados



		implantação de agroindústrias cooperadas		AMAZÔNIA	3 agroindústrias cooperadas em funcionamento
					3 redes de parceiros firmada 2 financiamentos garantidos
		Demandar capacitações de de gestão de agroindústrias	Longo	COPMAR	Resultados produtivos e financeiros das Agroindústrias
Integração Regional	Criar rede de parceiros institucionais	Criar banco de dados com informações acadêmicas e Institucionais	Médio	PEABIRU	Um banco de dados Criado
		Identificar potenciais parceiros	Curto	CODETEM	Uma lista com os potenciais parceiros elaborada
		Articular e formalizar parcerias	Curto	CODETEM	Ofícios protocolados junto aos potenciais parceiros apontados
					Reuniões com os potenciais parceiros realizadas
					Documento de apoio emitido pelo potencial parceiro, formalizando a parceria
	Criar rede de informação entre as comunidades	Elaborar uma rede de contatos - com o maior número de ramificações	Curto	PEABIRU, COPMAR	uma lista com a Rede de contatos elaborada
		Provocar intercâmbios com organizações locais	Curto	CODETEM, COPMAR	3 intercâmbios realizados
		Socializar resultados desta oficina com as comunidades	Curto	STTR-BAGRE, CNS	11 comunidades informadas sobre a oficina
	Estabelecer parâmetros de	Buscar parcerias para as certificações	Médio	SAGRI	Lista com potenciais parceiros



	qualificação, quantificação e certificação				elaborada
					Ofícios protocolados junto aos potenciais parceiros apontados
					Reuniões com os potenciais parceiros realizadas
					Documento de apoio emitido pelo potencial parceiro, formalizando a parceria
		Demandar ações para a uniformização das unidades de medida	Médio	ADEPARÁ	2 ações realizadas
	Implementação de Entrepósitos	Levantamento de informações e experiências	Médio	CODETEM, RESEX-GURUPÁ/MELGAÇO	Um relatório elaborado
		Assessar a rede de parceiros para a implementação	Médio	CODETEM	um entreposto implementado



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora o Projeto tenha previsto, ao alinhar-se à chamada pública, tratar as cadeias do açaí e da andiroba em conjunto, a realidade apresenta essa estratégia como pouco efetiva. Devido às complexidades implícitas às duas cadeias de valor e as dimensões colossais do Marajó, o Instituto Peabiru entendeu por melhor tratá-las em separado. Por estes motivos é que houve a formação de dois grupos de trabalho durante a Oficina, um para o APL do açaí e outro para o APL da andiroba.

O mapeamento demonstrou a necessidade e vontade de o extrativista organizar-se comercialmente por meio de associações e cooperativas. Antes essas organizações eram formadas com o fundamento de lutar pela terra, hoje as associações comunitárias tem um novo foco de trabalho projetado para o desenvolvimento local e geração de emprego e renda. No amadurecimento destes debates o cooperativismo parece ser um caminho inevitável para os marajoaras, exigindo destes maior profissionalização.

Outra constatação importante é a consolidação da prestação de serviços do peconheiro e debulhador. O registro destes atores é relevante para garantir futuramente direitos e boas condições de trabalho a um ator antes desconhecido na economia do Estado. Também digno de nota é o surgimento do atravessador comunitário, um novo prestador de serviço que atua também como agente de organização social e que tem no rio Canaticu, em Currálinho, seu primeiro exemplo destacado e que precisa de mais estudos sobre sua intervenção no meio socioeconômico em que vive.

Os atravessadores marreteiros continuam agindo bastante na região marajoara, mas seu poder de aviamento sobre os extrativistas diminuiu sensivelmente graças a vários fatores como as políticas sociais de transferência de renda, a capacidade de locomover-se e de se comunicar. Neste sentido, o motor rabeta e o celular são símbolos desta nova era de empoderamento do extrativista, pois permitem a comunicação e deslocamento rápidos, aumentando seu poder de negociação na cadeia. Não obstante tais avanços, muitos são os casos onde os preços ainda são ditados pelos atravessadores externos.

Também é necessário destacar a figura do atravessador financeiro, cujos empréstimos a batedores de açaí das cidades o colocam como um agente de financiamento a mais nesta cadeia, mesmo que informal. O beneficiamento, infelizmente, ainda é gargalo para a produção de açaí no Marajó. Salvo algumas iniciativas em Muaná e Breves, que ainda não estão consolidadas, em que futuramente as agroindústrias deverão estar atreladas às cooperativas, muito pouco é investido na verticalização da



produção na região. De qualquer maneira, é uma retomada do processo industrial voltado ao açaí, fracassado em algumas regiões como no caso de Curralinho.

O estabelecimento de mercados institucionais também aparece como uma oportunidade real de contratos entre Estado e extrativistas (via associação ou cooperativa). Em Breves e Portel famílias começam a aprovar de maneira rotineira seus projetos junto ao PAA gerenciado pela CONAB.

A fala da Sra. Stela Avelar, SESMA, sobre a situação dos batedores de açaí de Belém, capital do Estado, fornece um comparativo à realidade marajoara de informalidade, falta de padrão de qualidade e não atenção às exigências sanitárias: “De 5.000 batedores em Belém, só 6 possuem licença para atuar”.

Para este grupo que participou da construção do planejamento estratégico do APL do açaí marajoara, algumas dificuldades na produção-comercialização do produto precisam ser superadas. Na oficina, muitos depoimentos defendem as boas práticas de manejo como ponto de partida para assegurar a manutenção dos estoques de açaizais e por consequência, produção de frutos. Entendem que para a cadeia de valor do açaí se tornar mais justa, as iniciativas devem ir além das capacitações dos extrativistas em técnicas de manejo dos açaizais. Os beneficiários devem também ser empoderados com informações mais detalhadas sobre todas as etapas da cadeia, identificando os diferentes papéis que os extrativistas exercem como o de peconheiro, de debulhador, de meeiro etc. Reconhecer a existência destes agentes é futuramente lhes garantir direitos.

O grupo também se preocupou com políticas públicas ainda insuficientes para dar competitividade ao açaí marajoara, principalmente na esfera educacional. Ao adotar a lata/ rasa como referência de comercialização, o marajoara tem dificuldades de acompanhar as referências governamentais de preço mínimo, padronizadas em quilo; e, sobretudo ter a mesma medida das empresas exportadoras, em preços/toneladas. Esta matemática simples poderia ser pauta das escolas municipais e estaduais, mas o diálogo entre o meio rural e os conteúdos pedagógicos se encontram ainda distantes.

A Oficina de mapeamento demonstrou diversas fragilidades na cadeia de valor do açaí no Marajó, entre as quais destacamos a escassa rede de relações formais. Hoje para o produtor extrativista há poucas formas de manter relações formais de comercialização, somente através das Cooperativas e Associações. Na opinião de Marcos Baratinha, há maior dificuldade em se conseguir certificação orgânica para o pequeno produtor em relação aos grandes empresários, que já detêm grandes plantios de açaí na terra-firme.



Para os presentes, as prefeituras estão longe de incentivar a produção e mesmo monitorar o uso dos açaiçais. A extração de palmito é irregular nos municípios, sem estatística e sempre pairando o risco do corte predatório. A falta de uma política para o palmito levou a Secretaria Estadual de Meio Ambiente - SEMA a estudar a dispensa de licenciamento do palmito oriundo do manejo das touceiras para a produção de frutos a partir da declaração oficial da produção anual deste produto pelas famílias. Seu propósito a princípio é desburocratizar e gerar estatística sobre o palmito de áreas ribeirinhas, exigindo das secretarias municipais de meio ambiente/agricultura e organizações sociais (associações, sindicatos) o monitoramento da extração de palmito e comercialização em suas localidades. Sem dúvida, é uma inovação no sentido de dar às prefeituras, entidades locais da sociedade civil e próprias famílias o papel de acompanhar o processo de extração.

Ainda em relação ao monitoramento, pouco se avançou neste quesito sobre a produção de frutos. Acredita-se que os números do IBGE subestimam a capacidade produtiva do Marajó e que os municípios precisam estruturar-se para gerar estatística mais próxima da realidade. Neste ponto, pesquisa e desenvolvimento são estratégias pouco investidas na região pelas instituições que devem prestar este serviço. Na maioria das vezes, segundo os participantes da oficina, os estudos são feitos para ficarem “na gaveta” e de modo geral não retornam suas propostas em ações para a população ou apresentam olhares que contradizem com o cotidiano ribeirinho.

A pesquisa realizada pelo professor Antônio Cordeiro, da UFRA, é desses exemplos. Contratada pelo Instituto Peabiru para fazer um prognóstico sobre a comercialização do açaí no Marajó, uma de suas conclusões sobre o possível uso de pesticidas no manejo de açaiçais nativos adotado na região causou indignação na EMATER, justamente por esta se posicionar oficialmente contra este tipo de agressão ao meio ambiente em áreas de várzea. Para Sandro Pinheiro, técnico da EMATER de Curralinho, o pesquisador Antônio Cordeiro equivocou-se e coloca em xeque o trabalho de certificação orgânica das instituições como o GTA, EMATER e associações comunitárias.

Renata Barbosa, da SESMA, mencionou a investigação do barbeiro, outro exemplo de pesquisa e desenvolvimento ainda não disseminados entre a população e que tem efeito direto na qualidade do açaí consumido sob a forma de vinho. Segundo a pesquisadora, o barbeiro é atraído por odores liberados no momento da fermentação do açaí no paneiro e devido à trepidação no transporte, o animal defeca uma quantidade de fezes que contamina o produto. Para precaução, de acordo estudos desenvolvidos pela

UFRA, deve-se ferver o açaí a uma temperatura de 80°C por 10 segundos para matar o agente transmissor do Mal de Chagas, processo este chamado de branqueamento.

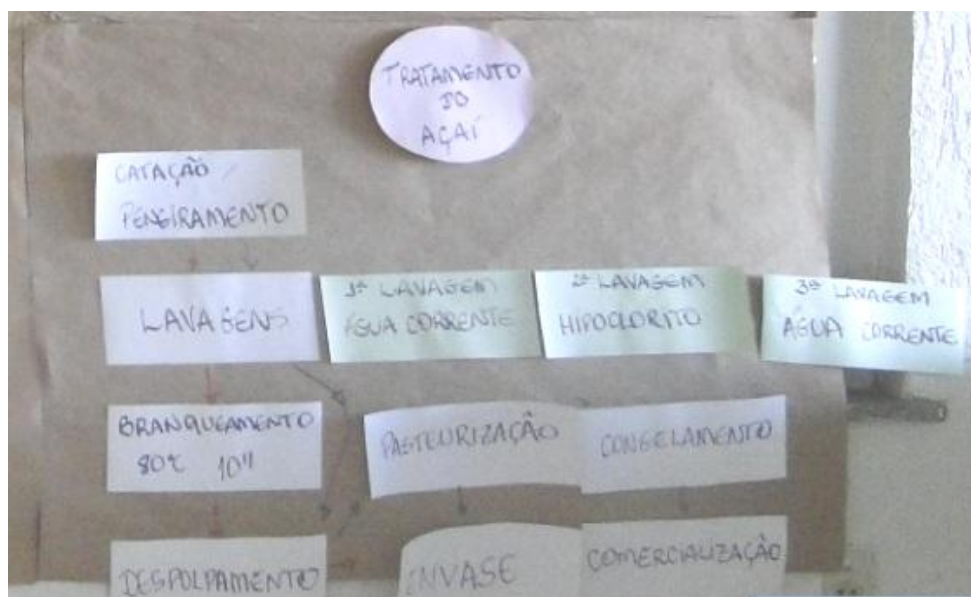


Figura 23 - etapas do tratamento do açaí segundo profissionais da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belém para combater o contágio do Mal de Chagas no consumo de vinho do açaí

Como se pode constatar, no tange ao uso do açaí, seja na produção/extração, seja na comercialização, as instituições de pesquisas e ensino precisam muito caminhar em seus métodos para gerar resultados que de fato mudem a vida da população local.

De forma geral, percebe-se que projetos como este têm o potencial transformador por trazerem, de forma participativa, os diversos atores sociais envolvidos no território a construir o conhecimento sobre seu objeto de atuação, neste caso a cadeia de valor do açaí, para poderem, através de processos reflexivos, pensarem ações para seu desenvolvimento.

4.1. Relação dos participantes da Oficina

Nome	Instituição/Comunidade
Sr. Eduardo Assunção	SENAR
Sr. Isaias Moraes	CNS - Breves



Sr. Valmir dos Santos	ATAA - Portel
Sr. Janari Brito	AMOREMA – Breves
Sr. Marco Antônio Maia	STTR Bagre
Sr. Benedito de Sá	EXTRATIVISTA - Chaves
Sra. Patrícia Sampaio	SESPA
Sra. Maria Sebastiana F. Silva	COPMAR - Muaná
Sra. Maria Leonor Pinheiro	COPMAR - Muaná
Sr. Assunção Novaes	CODETEM - Curralinho
Sr. Marcos Baratinha	SEMMA – Curralinho
Sr. Miguel Baratinha	Central de associações - Curralinho
Sra. Renata Barbosa	SESMA
Sr. Claudio	SEMMA Muaná
Sr. Fortunato Brito	AMOREMA- Breves
Sra. Stela Avelar	SESMA
Sra. Micheli Marques	AMOREMA - Breves
Sr. Sílvio Alexandre	CNS
Sra. Rejane Medeiros	ADEPARÁ
Sra. Cristiane Duarte	SESPA
Sra. Sílvia Galuppo	ICMBIO
Sr. Sávio Cunha	BANCO DA AMAZÔNIA
Sr. Carlos Augusto Ramos	Consultor – Instituto Peabiru
Sr. Ériky Pereira	Instituto Peabiru
Sra. Maíra Parente	Instituto Peabiru



Sra. Swellen Barbosa	Instituto Peabiru
Sr. Manoel Potiguar	Instituto Peabiru



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

INSTITUTO PEABIRU - **Projeto de fortalecimento dos Arranjos Produtivos Locais – APL's de açaí e andiroba no Marajó (PA) -2012.**

PLANO NACIONAL DE PROMOÇÃO DAS CADEIAS DA SOCIOBIODIVERSIDADE - **Guia Metodológico de Implementação das Oficinas de promoção de Cadeia de Valor- Manual ValueLinks-B** – Brasília-2009.

Instituto Peabiru. **Diagnóstico Socioeconômico, Ambiental e Cultural do Arquipélago do Marajó - Escuta Marajó.** Versão para diagramação. Relatório Técnico. 2011.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL - IDESP; INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL DO ESTADO DO PARÁ - IDEFLOR. **Cadeias de Comercialização de Produtos Florestais Não Madeireiros na Região de Integração Marajó, Estado do Pará.** 2011. Relatório Técnico. 206p.

SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE – SEMA. **Resolução COEMA Nº 107 DE 08/03/2013.** Diário Oficial do Estado de 12 de março de 2013.

SILVA, R.O DA; COELHO-FERREIRA, M.; JARDIM, M.; LIMA, P.; MENEZES, L. DE. **Pesquisa de Cadeias de Valor Sustentáveis e Inclusivas: Açaí.** Instituto Peabiru, 2011. 64p. Documento Interno.



ANEXOS